

IV ENCONTRO DE TEATRO DOS LEITORADOS OS LABORATÓRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

PÁG. 2-4



10

Até sexta-feira está a decorrer no Centro de Experimentação Artística - Fábrica da Pólvora -, em Barcarena, o IV Encontro de Teatro dos Leitorados do Instituto Camões. Participam 7 grupos universitários de seis países - Polónia, Alemanha, Croácia, Roménia, Rússia e Sérvia -, que todas as noites apresentam os espetáculos preparados ao longo do ano letivo.

É o primeiro encontro que se realiza após a decisão de passar este evento, que aconteceu em 2007, 2008 e 2009, de anual a bienal, correspondendo «à dinâmica e capacidade de iniciativa dos leitorados». Para a sua viabilização, como 2008 e 2009, continua a ser muito importante o papel da Câmara de Oeiras, que acolhe a iniciativa em que participam 55 alunos de língua portuguesa de diversos países europeus. E há também que registar o apoio do Clube Português de Artes e Ideias.

O programa inclui, para além dos espetáculos, oficinas de trabalho destinadas aos membros dos grupos sobre aspetos específicos da prática teatral e ainda visitas aos teatros Maria Matos - onde terão uma apresentação do trabalho desenvolvido por Mark Deputter - e Dona Maria II. A formação está a cargo do Teatro Meridional - *Prémio Europa Novas Realidades Teatrais*, um dos mais importantes na área do teatro - uma companhia que a si mesma se define como «vacionada para a itinerância».

O encontro vale tanto pelos resultados em palco - por vezes «surpreendentes» - do trabalho teatral em língua portuguesa dos alunos, como também pela possibilidade de estes jovens poderem comunicar entre si, trocar experiências e conhecer ao vivo a língua que estudam.

Para a existência de um encontro teatral com estas características tem sido fundamental o papel dos leitores do Instituto Camões, principalmente do centro e leste europeu. Foram eles que lançaram as suas primeiras edições e são eles que, com o seu trabalho diário, têm mantido viva a ideia, em que está implícita uma forte e motivadora componente pedagógica no ensino/aprendizagem da língua portuguesa no exterior e que transforma todo o trabalho ligado a este encontro - escolha de textos, traduções, adaptações, leituras, ensaios, encenações - num autêntico «laboratório» da língua portuguesa.

O encontro pode ser acompanhado através do blogue www.viagemalisboa.blogspot.com.



Favas Contadas

Favas Contadas (Zagreb) A 2ª vaga

Na Croácia, o teatro universitário em língua portuguesa já vai na 2ª vaga. Favas Contadas – cujo nome pretende dar «uma ideia literal da sua forma otimista, confiante e divertida de estar na vida» – é a nova companhia que representa os alunos do curso de Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Zagreb no IV Encontro de Teatro dos Leitorados do Instituto Camões. Entre 2005 e 2009, existiu em Zagreb o Lusco-Fusco, que esteve nos encontros anteriores, mas segundo refere Soraia Lourenço, atual leitora do IC naquele país da costa adriática, este grupo «não podia integrar novos elementos e era constituído por ex-estudantes do curso».

Surgido em março, o Favas Contadas, integrado por 12 mulheres, tem no seu currículo apenas o espetáculo *Graça de Esperança*, que traz agora a Oeiras e que foi estreado em Zagreb e Karlovac, onde ensina arte dramática no liceu local Sandra Živanović, uma ex-aluna do curso responsável por toda a vertente artística do espetáculo – tradução/adaptação do texto e encenação – e a quem se deve «o sucesso desta peça», no dizer de Soraia Lourenço.

GRAÇA DE ESPERANÇA

O espetáculo, apresentado segunda-feira no festival, é uma adaptação da obra *Novela od Stanca* (A brincadeira do Stanac) de Marin Držić, um escritor croata do séc. XVI, dos «primeiros a demonstrar sentido de responsabilidade social nos seus textos», explica a leitora. *Novela od Stanca* «é uma comédia de temática carnavalesca, com elementos de farsa que pretende alertar para a justiça social de uma forma cômica».

«A peça retrata de uma forma cômica e crítica uma atriz rica e famosa que se chama Esperança»,

insensível com os necessitados, casada com um homem mais novo que vive em luta contra o envelhecimento, mas que por isso mesmo se torna vulnerável às peripécias de que é protagonista. «A peça é um reflexo das sociedades atuais, uma crítica à futilidade e ao egocentrismo motivados pela discrepância económica entre as classes sociais, vislumbando-se no final uma esperança na mudança...», considera a leitora.

A seleção de uma obra croata para a apresentação do grupo teve a ver principalmente com «questões de tempo», pois permitia aos atores assimilarem rapidamente o enredo. Mas, Soraia Lourenço está certa de que em futuros espetáculos surgirão textos originais ou de autores de língua portuguesa. Em qualquer caso, em seu entender, o importante é que o «processo de preparação linguística» seja «produtivo» na relação com a língua portuguesa. Todos os membros do Favas Contadas «trabalharam o texto dramático» e, nesse sentido, se pode dizer – garante – que todos eles foram autores da adaptação.

> *Graça de Esperança*
Segunda-feira, 25/07, 20:30

Pisca-Pisca (Varsóvia) Teatro do absurdo

Desde 1997 que há um grupo de teatro de língua portuguesa nos Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Varsóvia (UV), mas é a segunda vez o grupo põe em cena uma peça de um autor polaco. Isso aconteceu agora, com a apresentação em Oeiras de *O Martírio de Pedro Ohey*, de Sławomir Mrożek, «um dos dramaturgos polacos mais importantes no panorama mundial», no dizer de José Carlos Costa Dias, representante do Instituto Camões em Varsóvia e Lublin e

docente na UV.

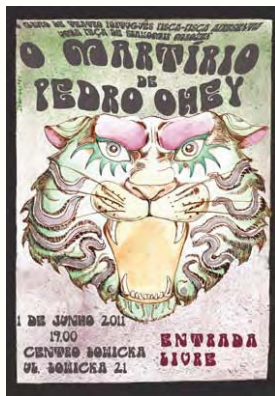
O grupo *Pisca-Pisca*, criado pela leitora Fátima Fernandes, foi «um projeto pioneiro e é agora uma componente sólida e uma das áreas mais valorizadas do currículo académico da licenciatura e do mestrado em Estudos Portugueses», sublinha José Carlos Costa Dias. Junta estudantes e professores que «querem aprender a falar, a rir, a cantar e a apaixonar-se em português». Uma centena de pessoas passou pelo grupo, que representou 13 peças de autores de língua portuguesa.

A trupe conta presentemente com 19 estudantes, pertencendo a maioria à licenciatura e ao mestrado em Estudos Portugueses, embora também haja alunos de outros cursos. «A única condição para participar é querer falar português», explica o docente, sublinhando o «grande poder de atração» do grupo, que lançou este ano a sua página oficial www.pisca-pisca.pl.

O MARTÍRIO DE PEDRO OHEY

A escolha de uma obra de Sławomir Mrożek, que viveu na Polónia até 1964, é apresentada pelo leitor como um «contributo» para que Portugal e Polónia «se possam conhecer culturalmente», num momento em que Varsóvia detém a presidência da União Europeia.

E a peça escolhida (traduzida para português por Marta Machowska-Dias e José Carlos Costa Dias) é um exemplo do «teatro do absurdo» de que Mrożek foi um dos mais significativos cultores. Senão, veja-se este passo da sinopse: «Pedro Ohey, um cidadão comum, é informado de que um perigoso tigre se enfiou na sua casa e fez da sua casa de banho o seu covil. Como resultado desta situação ridícula, toda uma avalanche de pessoas não convidadas visitam Pedro Ohey e invadem o seu apartamento» – um funcionário público, um cobrador de impostos (sobre o tigre...), um cientista (que vem observar o tigre no seu habitat), o diretor de um circo, um diplomata (que vem fazer política), uma excursão escolar e um velho caçador. «Este último é a única personagem positiva em toda a peça que simboliza uma possível saída para a liberdade». As peripécias



da história desenvolvem-se até ao *pathos* da transformação de Pedro Ohey no substituto do tigre...

«A peça apresenta a vitimização do homem comum contemporâneo, que não consegue sobreviver num mundo governado pela força dos clichés, das ideias absurdas e dos estereótipos». O potencial de absurdo desta «farsa de ação dramática» é por demais evidente e, segundo o grupo, «se a temperarmos com uma pitada do solarengo temperamento português e com o marulho da língua deste país à beira-mar, obtemos uma mistura verdadeiramente explosiva».

> *O Martírio de Pedro Ohey*

Terça-feira, 26/07, 20:00



Os Quasilusos

Os Quasilusos (Friburgo) Promover a lusofilia

Ao apresentar uma adaptação de vários textos do escritor moçambicano Mia Couto no Encontro de Teatro dos Leitorados, o grupo Os Quasilusos, da Universidade de Friburgo (Alemanha), mantém-se fiel às escolhas dramáticas de 12 anos de vida: a lusofonia. Peças de autores de língua portuguesa constituíram a base das produções daquela que é uma das mais antigas companhias, em atividade, de um leitorado do Instituto Camões.

«Os Quasilusos veem-se como embaixadores da literatura e da cultura lusófona», declara Elisa Tavares, leitora do Instituto Camões em Friburgo. O grupo procura «contribuir de uma forma lúdica não apenas para a divulgação da língua portuguesa fora de portas, como também para a promoção da lusofilia», acrescenta, referindo que «nos últimos semestres verificámos com agrado um crescente interesse dos estudantes pelas literaturas africanas em língua portuguesa».

O grupo formou-se no seguimento de um seminário de literatura lusófona lecionado em

1999/2000 na Universidade de Friburgo, por iniciativa da leitora Beatriz Medeiros Silva, atualmente na Universidade de Colónia, onde é responsável pelo grupo Lusotaque.

«Tratando-se de um grupo essencialmente universitário, o número de elementos varia de semestre para semestre», diz Elisa Tavares. O *núcleo duro* conta com cerca de 10 elementos e dele fazem parte estudantes de português e de outras línguas românicas, bem como de medicina, história, teologia, informática, direito.

MOÇAMBICANDO

O espetáculo apresentado ontem pelos Quasilusos, tem por base «as palavras encantadas» dos contos de Mia Couto e «as memórias de alguns

de nós», no dizer de Elisa Tavares. A adaptação feita por Leonora Lorena, também responsável pela encenação, descreve uma viagem a partir de Friburgo até Moçambique feita num *machimbombo* – a palavra de origem inglesa, usada em Moçambique desde os tempos coloniais, para designar autocarro.

«Nesta nossa viagem vamos conhecer o Tio Filipão, seguidor atento de jogos de futebol no seu televisor a giz. Vamos dançar e brincar com os meninos e meninas, testemunhar o regresso de Munhava das minas, ouvir um poema (en)cantado para Mariana. Vamos conhecer o mundo dos curandeiros, afugentar os maus espíritos com uma dose de ‘marabenta’ e partilhar a história do gato e do escuro. Como dizem os moçambicanos: estamos juntos!»

> *Mocambicando*
Terça-feira, 26/07, 21:30

Lusotaque (Colónia) de ataque e sotaque

Surgido em maio de 2006, o Lusotaque, o grupo de língua portu-



Burlesco e Fresco

(Moscovo)

À imagem da sociedade russa

Formou-se para o anterior encontro de teatro dos leitorados, em 2009, e foi agora rebatizado. O grupo de teatro do leitorado de Moscovo, dirigido pelo leitor João Carlos Mendonça João, chama-se agora Burlesco e Fresco, 'alinhando' com o que é prática nas companhias universitárias dos leitorados do IC no estrangeiro – terem o nome em português. Anteriormente chamava-se 'Khokhlama i samogon' – 'loja tradicional russa e aguardente'. A mudança não é explicada pelo leitor, que refere, no entanto que, quando em 2009 apresentaram *Nunca Nada de Ninguém*, de Luísa Costa Gomes, todos os papéis masculinos foram desempenhado por raparigas, «o que conferiu um carácter invulgar e bastante burlesco

gusa da Universidade de Colónia, apresenta a sua 10ª produção, o que revela um forte dinamismo patente em apresentações que incluem Lisboa, Hamburgo, Munique e Oeiras. Esse dinamismo corresponde ao nome com que foi batizado e que evoca, para além, obviamente, da identidade lusófona, as palavras 'ataque' e 'sotaque', reflexo da diversidade dos seus membros.

Reza o historial do grupo, que este surgiu por iniciativa da leitora do Instituto Camões Beatriz Medeiros Silva, fundadora do primeiro grupo universitário português na Alemanha, Os Quasilusos (de Friburgo), e que é geralmente responsável pelas encenações. «Juntamente com o apelo artístico e linguístico, pareceu clara a motivação dos estudantes de Português de terem um ponto de encontro regular, com pessoas com interesses comuns e muitas experiências para partilhar», assim explica o sucesso da constituição do grupo o texto de apresentação do Lusotaque.

Neste semestre, o grupo conta com 13 pessoas, indica a leitora. «A maior parte são estudantes da Universidade, porém o grupo está aberto a quem tiver interesse», frisa. O nível linguístico dos seus membros «é, em geral, bastante elevado e a maior parte já teve uma estadia mais ou menos prolongada em Portugal ou no Brasil», refere o mesmo texto.

Uma consulta à lista de produções mostra a cenarização de autores de língua portuguesa.

CRIANÇÃO

Hoje mesmo, o Lusotaque põe em cena o 3º ato de *Criação*, uma adaptação com textos do angolano Pepetela, da portuguesa Sophia de Mello Breyner e do moçambicano Luís Bernardo Honwana.

«A intenção é mostrar como uma criança, que está na fase de transição entre a fantasia e a realidade, vê o mundo», explica a leitora de Colónia. Isso é feito contando a história da pequena Ngunga, que, no meio da Angola dilacerada pela guerra, «sai do seu lar brincalhão para explorar o mundo dos adultos» e questioná-lo.

> Criação

Quarta-feira, 27/07, 20:00



Burlesco e Fresco

à peça, condimentada com alguns improvisos». Por brincadeira, as fundadoras diziam que o grupo refletia a imagem da sociedade russa, onde por razões históricas há mais homens do que mulheres.

Entretanto, do grupo anterior só ficaram dois elementos, refere Mendonça João. Eram sete raparigas e hoje são oito, todas estudantes do 2º e 4º anos de Filologia da Universidade Estatal de Moscovo, a mais antiga da Rússia.

O DRAGÃO

O Dragão, do escritor russo Evgueni Schwartz (1896-1958), é a peça que o grupo traz hoje ao encontro. Conto «político-fantástico», assim a define João Mendonça João. Numa cidade imaginária, reina há vários séculos um dragão, que oprime os seus habitantes ao ponto de estes deixarem de pensar. E quando Lancelote, herói profissional, aparece para desafiar o dragão e libertar a donzela que todos os anos

era entregue em tributo ao dragão, ninguém parece estar interessado na liberdade...

«Este mundo fantástico tem um referente real», explica o leitor. A peça, escrita entre 1940 e 1944, ano da batalha de Estalinegrado (II Guerra Mundial), «foi proibida mesmo antes de ser estreada. Oficialmente, aludia à guerra e à Alemanha nazi», mas «Estaline viu nela uma fábula sobre a opressão», dirigida contra o regime soviético e, por isso, esteve proibida até ao início dos anos 60, quando se deu o 'degelo' krutchoviano.

O interesse da peça para os públicos russo e português reside, segundo o grupo, no facto de tratar de «assuntos importantes e comuns para ambos os países nos nossos dias e no passado: a liberdade, a tirania, o amor, a coragem e o respeito pelos direitos humanos».

Para pôr de pé este espetáculo, os encenadores – o leitor e as alunas – tiveram de defrontar três desafios: traduzir o texto para português, pôr as alunas a interpretar papéis masculinos e aquilo que denominam como a «ausência de capacidades profissionais em rela-

Volta amanhã a Oeiras numa encenação de Miodrag Krčmarik com oito atrizes/estudantes de português, para o Teatro da Cidade Branca, do leitorado da Faculdade de Filologia de Belgrado, já estreada a 24 de junho na capital sérvia.

O texto da escritora portuguesa



retrata «a vida de mulheres que, numa situação de confissão íntima, num jardim infantil e numa maternidade, falam sobre as relações com os homens, sobre os filhos, sobre os desafios e dificuldades com as quais têm de lidar todos os dias no mundo contemporâneo, mostrando os lados positivos e os negativos de ser mulher», resume Ana Lukic, fundadora e animadora do grupo.

«O Teatro da Cidade Branca – diz – é um grupo dos amadores de teatro e da língua portuguesa, que foi criado em 2008, quando três estudantes do curso de Português na Faculdade de Filologia de Belgrado – eu, Ana Djordjevic e Anja Calic – se juntaram com a ex-leitora do Instituto Camões Joana Câmara e fizeram a primeira peça, *As três pessoas ou o senhor Valéry diz*, baseada no texto de Gonçalo M. Tavares».

Esta primeira peça «tem tido muito sucesso», garante Lukic. Vai ser reposta em outubro próximo, durante a Feira do Livro de Belgrado, da qual a língua portuguesa é a convidada de honra e na qual participará Gonçalo M. Tavares, segundo a animadora do grupo.

Uma segunda peça foi posta em cena pelo grupo em 2009, com direção de Joana Câmara, do atual leitor André Cunha e de uma docente portuguesa na capital sérvia, Mariana Feio. *Pouca-terra tanta-terra*, assim se chamava, era um texto coletivo com «pequenas histórias dentro de uma história mãe, passada algures numa estação de comboios, onde um escritor, que usa bigode, se cruza com as suas próprias personagens, improvisadas num momento de espera».

> Nunca Nada de Ninguém

Quinta-feira, 28/07, 20:00

Fantasia

(Bucareste)

Primeira vez

O grupo é novo e a peça original. Fantasia, o grupo de teatro de língua portuguesa da Universidade de Bucareste, foi formado depois das estudantes do curso de Português da Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras terem sabido do IV Encontro de Teatro dos Leitorados do Instituto Camões pelo seu professor, Daniel Perdígão, relata uma das estudantes, Irina Radu.

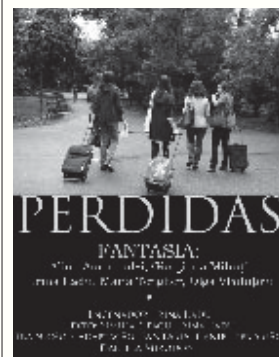
Constituem-no cinco elementos do 1º ano do curso, que vão dar corpo ao espetáculo *Perdidas*, um texto, escrito para o Encontro pela própria Irina Radu, já com alguma experiência de palco, e por Simina Neagu, uma jovem romena que já criou textos dramáticos, tendo mesmo ganho alguns prémios.

Perdidas conta o encontro de cinco mulheres de diferentes nacionalidades no aeroporto de Lisboa. «Aparentemente, não têm nada em comum, nem querem ter. Aspectos diferentes, caracteres diferentes, tão distintas como as culturas que as formaram. Mas obrigadas pelas circunstâncias, descobrem que algo as une: um propósito comum... e o facto de estarem perdidas», resume Irina Radu.

«Quando a peça foi escrita, a intenção era criar um texto acessível e interessante, tendo em conta que o grupo não tem experiência de palco e que as participantes se encontram apenas no 1º ano do curso de Português», explica. Mas as autoras quiseram também «despertar perguntas nos espetadores, uma reflexão sobre a vida, sobre as relações entre os jovens, para que estas se tornem mais do que simples noções confluentes. A peça, embora possa parecer fácil, até frívola, só o é à primeira vista, tratando questões atuais e sérias, apesar das aparências», garante Radu.

> Perdidas

Quinta-feira, 28/07, 21:30



Cidade Branca

(Belgrado)

traz Luísa Costa Gomes

É a segunda vez que uma adaptação da peça de Luísa Costa Gomes é trazida ao encontro de teatro dos leitorados do Instituto Camões. *Nunca Nada de Ninguém* foi apresentado em 2009 pelo grupo do leitorado de Moscovo.

IC e Paris III criam Cátedra Solange Parvaux

«A Cátedra Solange Parvaux foi criada através de um protocolo de cooperação, entre o Instituto Camões, I. P., e a Universidade Paris III Sorbonne Nouvelle, assinado no dia 5 de julho de 2011, na Embaixada de Portugal em Paris, pelo Embaixador de Portugal em França, Francisco Seixas da Costa, em substituição da Presidente do Instituto Camões, Ana Paula Laborinho, e pela Presidente da Universidade da Sorbonne, Marie-Christine Lemardeley.

Esta iniciativa vem trazer uma nova dimensão à colaboração existente entre a Universidade de Paris III Sorbonne Nouvelle e o Instituto Camões, reforçando uma parceria que tem mais de 80 anos. Recorde-se que o primeiro leitorado português na Sorbonne foi criado em 1930, datando, no entanto, de 1919 o início do ensino da língua portuguesa nesta universidade francesa.

Grande impulsionadora do ensino da língua e cultura portuguesas em França, Solange Parvaux foi Inspetora Geral do ensino francês, responsável pelo Português, lutou pela implantação da língua portuguesa no sistema de ensino francês, trabalhando sempre em estreita colaboração com as instituições portuguesas.

Desaparecida em dezembro de 2007, teve um papel importante na criação da Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Portugueses, Brasileiros, de África e Ásia Lusófona (ADEPBA) de que foi presidente. Autora de vários manuais escolares, como o *Vocabulário português – Portugal e Brasil*, Solange Parvaux manifestou sempre grande interesse pelas culturas de expressão portuguesa.

Solange Parvaux inicia a sua carreira de professora na Universidade de Argel, após uma tese sobre *Cerâmica Popular do Alto Alentejo*, indo depois para Paris, para lecionar na Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle, universidade que agora a celebra.

Apoios à edição de 2011 privilegiaram sérvio

«A Sérvia, com quatro obras, foi o país com maior número de apoios à edição concedidos pelo Instituto Camões (IC) no âmbito do respetivo programa para 2011, divulgado a 1 de julho no sítio do IC.

A prioridade dada à língua sérvia decorreu do regulamento do concurso, atendendo ao facto de o idioma português ser o «convidado de honra» da Feira do Livro de Belgrado, que ocorrerá no último trimestre de 2011.

A escolha do português, depois do grego e do sueco, partiu de uma iniciativa das embaixadas de Portugal, Brasil e Angola em Belgrado e foi oficialmente aceite pelo Ministério da Cultura da Sérvia.

Na distribuição dos apoios, no concurso de 2011, foram contemplados com 29.197,4 euros sete países europeus (Croácia, França, Itália, Países Baixos, Reino Unido, Sérvia, Suécia) e um latino-americano (Uruguai), num total de 13 obras. Foram comparticipados os custos da edição de 12 obras traduzidas e a edição de uma – *Jan Van Eyck and Portugal's Illustrious Generations*, de Barbara Von Barghahn, professora de História de Arte da George Washington University, nos Estados Unidos.

Saramago, Agualusa (com edições na Suécia e na Sérvia), Pessoa, João Paulo Borges Coelho, Al Berto, Almada Negreiros, Ana Luísa Amaral, José Gil e David Mourão-Ferreira são autores de língua portuguesa que veem obras suas traduzidas para outras línguas.

A lista inclui ainda o apoio à publicação no Uruguai de uma antologia de poesia portuguesa – *Photomaton - Nueva Lírica Portuguesa* – com trabalhos de Rui Pires Cabral, Luis Quintais, Nuno Moura, Jorge Melícias, valter hugo mãe, Daniel Faria e Manuel de Freitas.

Em Itália é apoiada também a edição da *Revista Submarino*, uma «publicação semestral de divulgação da língua, cultura e literatura portuguesa», cujo primeiro número sairá em outubro próximo, e que «acolherá trabalhos de vários autores portugueses e italianos».

De acordo com o regulamento do concurso, os apoios concedidos destinam-se à edição de traduções das «obras de autores de língua portuguesa» e a obras que «versem sobre temas da língua e da cultura portuguesa».

O concurso anual é aberto a «editoras estrangeiras que pretendam editar obras de autores de língua portuguesa traduzidas noutros idiomas e disponham de capacidade de distribuição internacional.

O júri que apreciou as candidaturas – apenas uma candidatura anual por cada editor – foi constituído pela Vice-Presidente do IC, Dinah Azevedo Neves, pelo Diretor da Associação Portuguesa de Escritores, José Manuel de Vasconcelos, e por um representante da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas, José Manuel Cortês.

Teatro nos leitorados Laboratórios de língua portuguesa

«Nem todos seguem as mesmas vias, uns escolhem textos das dramaturgias nacionais dos países de origem, outros de autores de língua portuguesa e há ainda os que optam por elaborar o seu próprio texto dramático, de raiz ou adaptado. Mas leitores e docentes responsáveis pelos grupos de teatro dos leitorados do Instituto Camões, que até 29 de julho apresentam espetáculos em português, na Fábrica da Pólvora, em Oeiras, não se cansam de sublinhar de várias formas como o teatro é muito eficaz no processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

«Na minha atividade de leitora desde há 12 anos, os dois grupos de teatro que fundei são os dois projetos que mais sucesso tiveram e têm, tanto a nível da aprendizagem da língua, como da difusão das culturas de língua portuguesa», diz Beatriz Medeiros da Silva, criadora dos grupos Os Quasilusos, em Friburgo, e Lusotaque, em Colónia, que atualmente dirige. Em 2005, esta leitora registava que, «desde que surgiram Os Quasilusos, o número de alunos dos cursos de Português Língua Estrangeira aumentou imenso. Muitos vão para as aulas porque querem participar no grupo de teatro».

Elisa Tavares, que dirige agora Os Quasilusos, afirma que «dada a oferta algo reduzida de cursos na área do Português, o grupo de teatro tem tido um papel fundamental na aprendizagem da língua, combinando o lazer e a aprendizagem». E considera ainda que, com o teatro, «os estudantes têm assim a oportunidade de colmatar os seus défices linguísticos».

«O funcionamento e a existência dos grupos teatrais universitários é um bom método de aprender coisas que nos trazem benefícios a longo prazo – autoconhecimento e progresso pessoal – e é também um conceito original e atraente de promoção da língua portuguesa», diz, por seu lado, Irina Radu, estudante de Português da Universidade de Bucareste e membro do recém-criado grupo de teatro Fantasia.

Um pouco diferente é a explicação de João Mendonça João, leitor e animador do grupo Burlesco e Fresco, da Universidade Estatal de Moscovo. «A atividade dramática constitui de alguma forma um espaço privilegiado de realização da performance comunicativa, com os gestos e os modos inerentes à própria língua e suas idiossincrasias». Sublinha, no entanto, a especificidade do caso russo. O teatro, diz, «é uma das práticas

culturais dos russos». «Existem em Moscovo mais de 40 teatros, e cada estreia de uma peça regista casa cheia. Neste país é mais do que natural o teatro integrar o conjunto de práticas pedagógicas inerentes à aprendizagem de uma língua viva».

Para José Carlos Costa Dias, docente na Universidade de Varsóvia e responsável pelo grupo Pisca-Pisca, o teatro, ao mesmo tempo que desenvolve a «sensibilidade estética», permite «a aprendizagem da língua portuguesa numa situação informal e



num ambiente bem-disposto», que atenua «os constrangimentos que sente quem começa a falar uma língua estrangeira». Mas não só. Além de se aprender o/com o texto da peça, «a língua portuguesa é também a língua de trabalho dos encontros», lembra. «É em português que os estudantes têm de discutir e tomar decisões acerca da encenação, o que traz grandes benefícios em termos de fluência e de planeamento do discurso», explica.

A LÍNGUA QUE NÃO ESTÁ NOS MANUAIS

É neste contexto que, tanto Beatriz de Medeiros Silva como Elisa Tavares, classificam o teatro que fazem como «um laboratório de línguas». Nesse laboratório, os estudantes de português «podem testar e aperfeiçoar os seus conhecimentos de maneira descontraída durante todo um semestre», sintetiza a leitora de Friburgo. Para a sua colega de Colónia, aprender uma língua sem estar imerso é uma «situação artificial», pelo que «todas as possibilidades de os estudantes usarem o português em situações não artificiais são sempre muito produtivas».

No caso dos grupos que Beatriz de Medeiros Silva dirigiu e dirige é feito um glossário e sinopses das cenas para o programa que é oferecido aos espectadores. E como praticam «verdadeiramente o que é idealizado pelo conceito de lusofonia», trabalham «com todas as variantes [de português] e com textos de praticamente todos os países de língua portuguesa». «Servimo-nos do que mais nos emociona nas culturas de língua portuguesa, incluindo música, literatura oral», afirma a leitora, evocando, como exemplo, a emoção sentida por um jornalista guineense da *Deutsche Welle* quando assistiu à peça *Orações de Mansata*, de Abdulai Sila, apresentada pelo Lusotaque, pela «adaptação e assimilação do crioulo» feita no espetáculo.

Para Clara Riso, leitora do IC em Budapeste responsável do grupo Teatro do Rei Rudolfo, ausente este ano do encontro de Oeiras, as potencialidades do teatro para aprendizagem da língua decorrem de «o ator ter de saber o que diz e ao sabê-lo conhecer a grande plasticidade da língua, as suas numerosas possibilidades, as suas comprometedoras implicações». O ator, acrescenta, «entra nas zonas da língua que não estão nos manuais nem nas gramáticas – entra na língua falada, que tem efeitos, é real e com densidade de gente que não é só de papel».

No Teatro do Rei Rudolfo, isso é feito escolhendo «sempre peças húngaras que traduzimos e adaptamos para português e ao fazê-lo passamos por valências específicas do texto – sejam expressões idiomáticas, seja o recurso a metáforas, ao humor, à ironia, aos segundos sentidos – que assim têm de ser vistas e resolvidas uma a uma, com tempo e atenção. No texto de teatro chegamos a lugares da língua por onde não se passa numa aula, nem na leitura e análise de um romance. É este tipo de experiência que nos é dado apenas pelo texto para teatro, quando é um bom texto».

IC INSTITUTO
CAMÕES
PORTUGAL

Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa

TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@instituto-camoes.pt

COORDINATE Ana Paula Laborinho

COORDENAÇÃO Mário Filipe

COLABORAÇÃO Carlos Lobato